



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração da primeira etapa do Projeto de Urbanização do
Núcleo Naval**

Diadema-SP, 16 de julho de 2010

Primeiro, eu queria cumprimentar o companheiro Marcio Fortes, o nosso querido companheiro ministro das Cidades. Ele não viu, mas eu utilizei a luva dele um pouquinho, ali, porque eu estava com frio na mão.

Quero cumprimentar o nosso querido prefeito Mário Reali,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Maninho, presidente da Câmara Municipal de Diadema,

Quero cumprimentar o companheiro Luiz Marinho, nosso companheiro prefeito de São Bernardo, e avisar que já começou também o trabalho na Naval de São Bernardo do Campo, para ficar bonita igual a Diadema.

Quero cumprimentar o nosso querido Marcelo Cândido, nosso companheiro prefeito de Suzano, que está aqui. Levanta, Marcelo, para as pessoas te verem. Levanta, rapaz.

Quero cumprimentar o Paulo Eugênio, que é o nosso prefeito em exercício na cidade de Mauá. Levanta, Paulo, para as pessoas te verem, rapaz. Fica...

Quero cumprimentar a companheira Márcia Kumer, que já entregou uma casa aqui, que é superintendente nacional de Assistência Social e Desenvolvimento da Caixa Econômica Federal,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro – eu não estou vendo ele aqui –, o Sérgio Nobre, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. Eu pensei que o Nobre estava aqui, mas se ele não estiver aqui, eu o estarei representando aqui. Falarei em meu nome e em nome dele.

Quero cumprimentar a companheira (incompreensível) Sousa Caldeira e



o companheiro Luciano Soares Lima, por meio de quem cumprimento os demais moradores do Projeto de Urbanização do Núcleo Naval,

Companheiros e companheiras,

Primeiro, dizer para vocês da minha alegria de voltar mais uma vez a Diadema. Eu, companheiro Mário Reali – acho que você não tinha nem nascido ainda –, lá pelos idos de 1969 eu já andava nas ruas de Diadema, quando Diadema só tinha uma ruazinha asfaltada, que era a Antônio Ipiranga, um asfalto mequetrefe, que quase não conseguiam passar dois carros. Noventa por cento das ruas de Diadema não tinham asfalto, 90% das ruas de Diadema não tinham guia, não tinham sarjeta. Muitas das cidades não tinham energia. A gente vinha a pé entregar panfleto aqui, eu era diretor do Sindicato. Quando chovia, a gente nem conseguia chegar na porta da fábrica, de tanta lama que tinha.

Desde 1982, desde 1982, quando nós ganhamos, pela primeira vez, o direito de governar uma cidade no Brasil – e foi na cidade de Diadema que nós ganhamos –, que nós nunca mais deixamos de governar Diadema. É bem verdade que os nossos prefeitos brigavam muito. Tinha hora que um estava no PT, saía do PT e ia não sei para onde. Aí, a gente tinha que se unir. Aí ficava brigando. Na eleição seguinte, a gente se unia outra vez. Na outra eleição, a gente brigava. Na outra, a gente se juntava. E agora, finalmente, a gente está tendo uma sequência de administração que está fazendo Diadema deixar de ser aquela cidade-dormitório, deixar de ser a cidade feia do ABC para ser uma das cidades mais bonitas do ABC, onde as pessoas sentem orgulho de morar, em Diadema. Ninguém tem mais vergonha de dizer que mora em Diadema. Hoje as pessoas têm orgulho.

Quando eu venho inaugurar um conjunto habitacional destes... Eu queria lembrar a vocês que não faz muito tempo, não faz muito tempo, a minha primeira casa, que eu comprei no Parque Bristol, em São Paulo, lá perto do



Simba Safári, a minha primeira casa era em uma ribanceira que, quando chovia, eu só conseguia sair de casa se colocasse uma galocha. Chegava na padaria, tirava a galocha, embrulhava no jornal, pegava o ônibus, chegava na Villares, na Vergueiro, lá onde é o Carrefour agora, lavava a galocha, colocava para secar, e quando eu saía, às 6 horas da tarde, chegava na padaria, tinha que colocar a galocha outra vez para chegar em casa, com as canelas cheias de barro. Isso era todos os dias. Essa casa que eu comprei, depois eu vendi ela e fui comprar uma outra casa. A minha segunda casa tinha 33 metros de construção, 33 metros. Eu fui agora visitar aquela casa bonita ali, aquela casa tem 50 metros, ou seja, tem 20 metros a mais do que a minha casa, e morávamos eu, Marisa e três filhos. E ainda, nas greves de [19]78, estava cheio de companheiros do Sindicato que iam em casa. Às vezes, a gente levantava o pé para matar uma barata e não conseguia colocar o pé no lugar porque já tinha o pé de outra pessoa ocupando o pé da gente.

Mas, de qualquer forma, eu estou contando isso para vocês porque essa... o que está acontecendo no Brasil já poderia ter acontecido muito tempo atrás, muito tempo atrás. Eu disse ao Mário Reali agora. O Mário Reali deveria, aqui na tribuna, ter feito uma crítica, ter feito uma crítica à pessoa do estado que tem que dar a liberação ambiental para fazer as coisas aqui, porque não é apenas, não é apenas em Diadema que as licenças não saem. Em vários lugares deste estado, me parece que tem uma pessoa – que eu não sei quem é – que cria dificuldade para dar licença ambiental para a gente fazer as coisas. Então, é importante, é importante que os prefeitos façam essa briga, porque em nível federal nós temos brigado muito para que a gente consiga liberar as coisas com a rapidez necessária. Afinal de contas, a passagem nossa pela Terra é curta, e a gente não pode ficar a vida inteira esperando a vontade de um burocrata que está com a bunda em uma cadeira, com ar-condicionado, sentado, sem se preocupar como é que o povo está vivendo. Então, é importante... Eu sei que a gente é governo, a gente tem que ter diplomacia, a



gente tem que ter um linguajar adequado, mas eu já estou quase deixando de ser presidente e vou voltar a falar do jeito que eu sempre falei neste país.

Nós precisamos, precisamos ter em conta que nós mudamos muito, mas ainda falta muito, porque nós passamos 500 anos sendo tratados como se fôssemos pessoas de terceira categoria ou de quarta categoria. Nós aprendemos que é bom ser de primeira categoria; nós aprendemos que é bom morar bem; nós aprendemos que é bom ganhar bem; nós aprendemos que é bom tomar café, almoçar, jantar, ir ao cinema, ir ao teatro, ter acesso à cultura. Nós estamos aprendendo isso, e nós não queremos retrocesso neste país.

Nesta semana, Mário, nesta semana eu passei... Nesta semana, eu talvez tenha vivido o dia mais... dos mais importantes da minha vida. Eu lembro que, em 2005, nós criamos um programa chamado ProUni. Nós precisávamos colocar os filhos de pobres na universidade, e nós, então, fizemos um desconto nos impostos que as universidades particulares cobravam... que a gente cobrava deles, e transformamos o equivalente aos impostos em bolsas de estudo para os pobres da periferia que tinham estudado em escolas públicas. Este ano, Marinho, chegamos a 706 mil jovens na universidade, dos quais 40% são meninos e meninas negros da periferia deste país, que jamais teriam condições de entrar em uma universidade.

Qual foi a minha alegria? É que na semana passada eu participei de um ato simbólico de entrega de um diploma – que vai acontecer só no final do ano – de 414 meninos e meninas que receberam o diploma de médico - médicos e médicas. E qual era a minha alegria? Primeiro, nenhum pobre deste país poderia estudar para médico. Só se tivesse a sorte de entrar numa universidade pública, porque um curso de Medicina custa quase R\$ 5 mil. Eu tenho certeza de que, quem está aqui, ninguém poderia pagar R\$ 5 mil num curso para os filhos. Pois bem, então, nós participamos de uma homenagem aos primeiros 414 meninos e meninas que vão ser doutores, médicos, vão estar de jaleco trabalhando na periferia deste país para atender o povo pobre,



que precisa de muito médico. E aí, Mário, eu quero dar parabéns a Diadema, quero dar parabéns a Diadema porque tem poucas cidades deste país que têm um Quarteirão da Saúde da qualidade que tem a cidade de Diadema, tem poucas.

Outra coisa que me deixou muito alegre ontem. Ontem, Marinho, eu fiquei muito alegre porque a crise econômica internacional que vocês viram pela televisão... os Estados Unidos, a Alemanha... sabe quantos empregos nós geramos nos primeiros seis meses deste ano? Um milhão e 460 mil novos empregos, de carteira assinada, enquanto no chamado mundo desenvolvido perderam 16 milhões de postos de trabalho. Se Deus quiser, vamos criar mais um milhão até o final do ano, se Deus quiser vamos criar, porque eu sei, como brasileiro, como pai e como presidente, que não tem nada para dignificar mais um homem ou uma mulher do que trabalhar, e no final do mês levar o sustento da família com o suor do seu trabalho.

Outra coisa que me deu muita alegria nesta semana. Eu tinha pedido para o Stuckinha colocar aqui... ele, eu acho que não conseguiu colocar porque a tecnologia não permitiu. Mas ontem eu peguei o helicóptero, andei 40 minutos dentro do mar e fui numa plataforma da Petrobras, lá no Espírito Santo. E tive o prazer de sujar a mão – Marinho, Mário Reali, meu companheiro Marcio Fortes –, de colocar a mão no petróleo que estava há 160 milhões de anos embaixo da terra, e nós fomos lá buscá-lo, buscar o petróleo do pré-sal para que a gente possa resolver o problema deste país.

Ontem eu fiquei arretado com uma notícia de jornal que dizia assim: “A Europa não está mais procurando petróleo em mar por causa do óleo que está vazando nos Estados Unidos, e o Brasil continua procurando”. Primeiro, é bom a gente dizer a verdade: a Europa não está procurando, porque no Mar do Norte, onde ela tem, já não tem mais petróleo. Segundo, nós temos mais tecnologia do que aquela empresa inglesa que causou o vazamento nos Estados Unidos. Aquela empresa que causou o vazamento, Deus queira que



não aconteça nunca mais, porque ela adotou uma coisa que nós aprendemos: o barato sai caro. Ela tentou fazer a coisa mais econômica e o econômico saiu caro. E isso, se Deus quiser, não vai acontecer no Brasil porque a Petrobras é a empresa que tem a melhor tecnologia de exploração de petróleo em águas profundas neste país. Mas vocês não sabem do orgulho, na hora que eu peguei a mão, de óleo, e coloquei no meu macacão, e vou guardar num museu – sei lá em que museu – para todos vocês, um dia, poderem passar e ver um petróleo tirado por este país, de 160 milhões de anos.

Pois bem, o dinheiro desse petróleo não vai ser utilizado para “gastança”. O dinheiro desse petróleo vai ser utilizado, primeiro, para a gente acabar com a pobreza neste país; segundo, para a gente resolver o problema da educação do nosso país; terceiro, para a gente investir em ciência e tecnologia; quarto, para a gente melhorar a saúde do nosso país; quinto, para a gente cuidar da questão ambiental; e, sexto, para a gente cuidar da questão cultural. E o que sobrar, nós vamos ainda fazer mais pelo Brasil. É isso que nós estamos fazendo.

Outra coisa extraordinária. Eu, na sexta-feira, participei... na sexta, não. Na terça-feira eu participei de um ato com o Marcio Fortes, com todos os superintendentes da Caixa Econômica Federal do Brasil, todos, sem distinção. Uma coisa, Marinho, uma coisa, Reali, surpreendente. É que hoje nós temos crédito, a cada mês, mais do que a gente tinha em um ano, em 2003. Hoje, em um mês, hoje, em um mês nós temos mais dinheiro para emprestar do que a gente tinha o ano inteiro, em 2003. Eu vou dar só um número para vocês, só um número, vou dar um número para... As crianças não precisam anotar, só a imprensa tem que anotar. Quando eu cheguei à Presidência deste país, o Brasil inteiro tinha R\$ 380 bilhões de crédito, o Brasil inteiro. Hoje, (incompreensível), o Brasil tem R\$ 1 trilhão e 500 bilhões de crédito.

Eu fui ao Ceará, eu fui a Fortaleza, 15 dias atrás, na sede do BNB, do Banco do Nordeste. Em 2002, o Banco do Nordeste tinha emprestado apenas



US\$ [R\$] 262 milhões e, desse empréstimo, tinha 37% de inadimplência. Em 2009, nós emprestamos R\$ 22 bilhões, e só tinha 3% de inadimplência. Um bilhão e 300 milhões emprestados para um milhão de pobres, sabe qual é a inadimplência? Menos de 2%. E sabe qual é o segredo disso? É que pobre paga porque o nosso patrimônio é o nosso nome, o nosso patrimônio é a nossa cara. Algumas pessoas ricas têm o orgulho de falar: “Eu devo 10 bilhões; eu tomei dois bilhões; eu devo...” Nós não temos. Pobre, quando deve R\$ 50, ele tem vergonha de dizer que deve. Ele quer pagar porque ele quer andar na rua de cara limpa, ele quer andar na rua de cara limpa. Ele não quer passar no bar da esquina dele ou na padaria da esquina da casa dele, de cabeça baixa, ou dar a volta. Ele quer passar na frente e falar: “Bom-dia, companheiro, não lhe devo nada e amanhã vou continuar comprando as coisas aqui”.

Portanto, companheiros e companheiras, eu ainda vou ao Rio de Janeiro hoje. Então, eu queria dizer para vocês o seguinte. Eu venho aqui, Mário, com muita alegria. Eu venho aqui sabendo o que aconteceu nesta cidade, eu venho aqui depois de ver aquele filme do que era Naval e o que é agora, de ver onde moravam aquelas pessoas que pegaram a chave, e onde vão morar agora, e dizer o seguinte: eu tenho certeza que depois do dia 1º... do dia 2 de janeiro do ano que vem, tenho certeza que quando eu chegar... quando eu não for mais presidente, que eu chegar aqui na nova Naval, eu sei que eu vou poder tratar vocês todos de companheiros e companheiras, e vou ser tratado por vocês como companheiros, porque nós tivemos uma relação verdadeira, uma relação sincera. E nós criamos uma nova relação entre o Estado e a sociedade. Este país, este país – prestem atenção –, este país nunca mais, nunca mais vai ter um governo que tenha coragem de governar sem conversar com o povo deste país, sem ouvir o que o povo deseja.

Eu já fiz 70 conferências nacionais. A última foi a Conferência das Cidades, onde a gente ouve o que a gente quer e o que a gente não quer, onde os companheiros e as companheiras falam a verdade, e a gente, por ser



presidente, não tem que ficar ofendido porque alguém está dizendo que a coisa não está boa. A gente tem é que saber se é verdade ou não o que a pessoa está falando, e a gente trabalhar para corrigir e fazer as coisas corretas. É assim. Ser presidente não é ter profissão; ser presidente é apenas exercer uma função com o mandato determinado. Portanto, quem manda na gente é o povo e a gente precisa apenas obedecê-lo e cumprir.

Um grande abraço, que Deus abençoe a nova Naval e o povo de Diadema.

(\$211A)